

## Os riscos do discurso: encontros com Oswald Ducrot

Alexandre KIRST DE SOUZA (UNISC)  
*alexandreirst@outlook.com*

Cristiane DALL CORTIVO LEBLER (UFSC)  
*cristiane.lebler@gmail.com*

Recebido em: 17 de out. de 2018.  
Aceito em: 05 de maio de 2019.

KIRST DE SOUZA, Alexandre; DALL CORTIVO LEBLER, Cristiane. Os riscos do discurso: encontros com Oswald Ducrot. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 2, p. 534-540, maio-ago/2019.

### Resenha

DUCROT, Oswald; BIGLARI, Amir. **Os riscos do discurso: encontros com Oswald Ducrot**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018. 150p.

**Palavras-chave:** Linguística. Argumentação. Enunciação.

**Keywords:** Linguistics. Argumentation. Enunciation.

Oswald Ducrot é um dos linguistas mais renomados do nosso tempo. Suas teorias contribuíram, e ainda contribuem, para inúmeras reflexões no campo da pragmática, da enunciação, da análise do discurso e áreas afins. Dessa forma, a obra *Os riscos do discurso: encontros com Oswald Ducrot* condensa quatro entrevistas realizadas com o linguista francês, entre os anos de 2009 e 2011. As conversas foram conduzidas por Amir Biglari, doutor em Ciências da Linguagem pela Universidade de Limoges e pesquisador na Universidade de Luxemburgo. A partir dessas entrevistas, o livro se divide em seis capítulos, abordando as perspectivas de Ducrot sobre sua formação, seu percurso acadêmico, seus trabalhos e suas relações pessoais. Se, para Ducrot, a língua deve ser descrita pela língua, esta obra nos fornece um interessante ponto de vista: o de conhecermos o linguista pelo linguista.

O primeiro capítulo, intitulado *Percurso científico*, apresenta de modo bastante resumido a trajetória profissional de Ducrot. O linguista comenta que iniciou sua jornada pelo estudo e pelo ensino da filosofia, passando, depois, para o ramo da matemática lógica. Ao perceber que um filósofo não teria muito futuro na matemática, ocupou-se daquilo que era mais próximo do seu campo de atuação: a linguística. Tal aproximação se deu através do estruturalismo, a partir de 1965, mais precisamente no momento em que Ducrot conheceu as ideias de Saussure. A partir de então, Saussure passou a ser seu modelo, pois foi por conta desses conceitos que Ducrot procurou desenvolver seus estudos, entendendo a língua como uma estrutura formal. Sua carreira de linguista iniciou como pesquisador no CNRS, *Centre National de la Recherche Scientifique*. Depois, estabeleceu-se na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*.

No segundo capítulo, chamado *Linguística geral*, somos apresentados a algumas ideias mais amplas de Ducrot sobre o campo linguístico. Para ele, a linguística é a elaboração de conceitos gerais que podem servir para descrever todas as línguas particulares, opondo-se ao simples estudo dessas línguas. Ducrot evidencia que se ocupa das noções que podem servir como instrumentos para a descrição de todas as línguas, destacando, nesse sentido, a argumentação. Ele também disserta sobre o vínculo do estruturalismo com a linguística, comentando que essa conexão se configura no estudo da língua pelas relações intralinguísticas entre as palavras, as frases, os discursos, ignorando a descrição da língua em referência a objetos ou a ideias às quais ela faz alusão. Nesse sentido, declara-se um estruturalista absoluto. Ducrot

alerta sobre a exigência da criação de conceitos da linguística, elaborando que isso é um fator fundamental para a condução de uma atividade científica nessa área, uma vez que a criação de um conceito supõe que seja possível a sua definição. Afinal, se não se definem os termos que se estuda, não se avança no conhecimento. Assim, ele critica a entrada das ciências cognitivas no campo da linguística, argumentando que considera possível descrever a língua sem a intervenção de outros domínios, como a psicologia. De modo semelhante, concebe a interdisciplinaridade uma armadilha para os pesquisadores, acreditando que estes devem conduzir seus estudos de modo pessoal, sem se filiar a disciplinas distintas. Para ele, quando uma pesquisa em linguística se relaciona com outras ciências, acaba abandonando o que seria essencial: o estudo da língua por ela mesma, conforme a ideia de Saussure. Assim, Ducrot encara a interdisciplinaridade como uma facilidade que tenta recusar. Atendo-se ao seu domínio científico, o linguista francês comenta que a aprendizagem da linguística é fundamental para não cair nas armadilhas da língua e para pensar de maneira honesta, evitando a alienação das práticas da comunicação. Contudo, esse capítulo da obra finaliza com uma opinião um tanto pessimista. Segundo Ducrot, há uma tendência da semântica se construir como referencialista, fazendo com que ela deixe de ser linguística. Portanto, ele percebe uma carência de um rigor científico para o campo, considerando a linguística uma área em decadência.

O terceiro capítulo, *Contribuição de Oswald Ducrot*, trata de maneira mais direta das ideias concebidas pelo linguista ao longo de sua carreira. Como metodologia, fica evidente o seu caráter rigoroso, que consiste em não tomar emprestados aspectos de campos exteriores à língua. Através disso, Ducrot tem o objetivo de desenvolver uma atitude crítica em relação ao discurso, considerando seu método dedutivo e objetivo. O capítulo relata a preocupação do teórico com a formalização de sua linguística. Para ele, seus estudos não são formais, embora isso seja uma preocupação constante de suas pesquisas. A formalização seria uma condição de seriedade, tendo sua ausência a possibilidade de intervenção de elementos incontroláveis ou implícitos. É nesse sentido que Ducrot procura avançar em sua teoria. Entrementes, uma ideia a se destacar apresentada nessa seção é a de que, embora sua linguística termine na frase, ela tem relação com o estudo do discurso. Afinal, seus estudos se ocupam de uma linguística da frase e das palavras, mas as palavras e as frases são descritas por argumentações, sendo estas alguns

dos elementos constituintes dos discursos. Nesse sentido, descrever a língua seria definir o que ela impõe ao discurso.

Essa ideia aparece claramente, por exemplo, no prefácio que o autor redigiu para a obra *O intervalo semântico*, de Carlos Vogt. Nesse texto, Ducrot, ao cotejar a teoria platoniana da alteridade com o modo como Saussure descreve as relações entre os signos e como ele próprio concebe a relação entre as palavras, conclui que

uma entidade linguística (um enunciado) não poderá definir-se independentemente de seu emprego num diálogo. [...] O enunciado se definirá, então, pelas possibilidades de resposta que abre e por aquelas que fecha. E dizer que sua realidade não se localiza nele, mas fora dele – nos outros enunciados cujo uso ele oferece ou proíbe a um eventual interlocutor. (DUCROT, 2009 apud VOGT, 2009, p. 11-12).

Ainda no terceiro capítulo, a obra apresenta alguns comentários de Ducrot sobre as teorias que desenvolveu. Assim, trata inicialmente da teoria da pressuposição, considerada pelo linguista seu trabalho mais conhecido. Nela, ele se apoia na ideia de que certos enunciados afirmam algo ao mesmo tempo que comunicam um sentido adjunto, ou seja, colocam suas afirmações na constatação de outra informação. Um exemplo seria a expressão “parei de fumar”, que diz, ao mesmo tempo, “eu não fumo mais” e “eu fumava antes”. O “eu não fumo mais” é uma afirmação à qual se pretende dar continuação no discurso, enquanto o “eu fumava antes” é um plano de fundo que não pode ser colocado em debate no discurso. A segunda teoria comentada por Ducrot é a da polifonia. O linguista francês revela que esta tem influência de uma intuição de Freud, a denegação. Freud observou que um doente que produz um enunciado negativo também produz, ao mesmo tempo, um enunciado positivo, havendo uma censura que se opunha a esse positivo. Transpondo tal ideia para a linguística, Ducrot tenta mostrar que os enunciados negativos apresentam um modo de ver as coisas e, concomitantemente, uma recusa a esse modo. Ou seja, mesmo recusando esse ponto de vista, ainda assim ele é apresentado. Na expressão “Pedro não está em Paris”, não há apenas a negação de que *Pedro está em Paris*, mas a apresentação da ideia no próprio enunciado, tomando, ao mesmo tempo, uma ação de recusa dessa ideia. Na sequência, Ducrot fala sobre as teorias dos Topoi e da Argumentação na Língua. Elas foram desenvolvidas em parceria com Jean-Claude Anscombre e se voltam mais às palavras. A Teoria dos Topoi introduz na significação das palavras a base das argumentações às quais essas palavras podem

servir. Nesse sentido, a palavra “prudente” serve ao argumento “ele é prudente, portanto não sofrerá um acidente”. Para isso ocorrer, há a introdução, no termo “prudente”, de um princípio argumentativo gradual, implicando que quanto mais se é prudente, menos se está exposto ao risco. A Teoria da Argumentação na Língua, por sua vez, destina-se a demonstrar que não utilizamos nossas frases somente para argumentações, mas que as argumentações que fazemos com as frases constituem o próprio sentido das palavras que empregamos. Por fim, sobre a Teoria dos Blocos Semânticos, Ducrot fala que é de autoria de Marion Carel. Ele considera como uma forma radical e coerente da Teoria da Argumentação na Língua, consistindo em descrever o sentido dos enunciados através de uma série de argumentações. Para ele,

a Teoria dos Blocos Semânticos mostra que essas argumentações que constituem o sentido dos enunciados não são junções entre ideias que se implicariam uma à outra ou se oporiam uma à outra, mas que a relação entre as ideias é constitutiva das próprias ideias, o que faz com que essas ideias interiores a uma argumentação constituam um bloco (p. 55).

Desse modo, a Teoria dos Blocos Semânticos demonstra que os elementos que formam uma argumentação, quais sejam, “isso portanto aquilo” e “isso no entanto aquilo”, não são independentes um do outro, mas devem ser entendidos um em relação ao outro e têm, em seus sentidos, uma continuação no outro. Ducrot faz questão de destacar que suas teorias são, cada uma delas, uma continuidade de seus pensamentos e não uma ruptura de conceitos.

No quarto capítulo, *Linguistas e teóricos do século XX*, Ducrot apresenta opiniões e comenta suas influências a partir de vários nomes da área científica. Destacamos alguns teóricos em especial. Um deles é Émile Benveniste, a quem Ducrot diz dever muito. Cabe a Benveniste uma influência a toda uma geração de linguistas por conta de classificar a enunciação no sentido. Outro nome que cabe citar é o de André Martinet. Ducrot considera Martinet o responsável por ter-lhe ensinado a linguística, sendo graças a ele o seu conhecimento sobre sintaxe e fonologia. Entretanto, suas semânticas divergem, o que os afasta de maneira radical. Seguindo com os nomes de destaque, Ducrot diz considerar Noam Chomsky um dos grandes linguistas da época moderna. Para ele, depois de Saussure, há Chomsky. O que há de mais notável neste é a exigência de rigor que introduziu na área, apresentando um modo novo de fazer linguística. Por fim, cabe ainda citarmos o nome de

Gérard Genette. Ducrot diz ter a impressão de ter aplicado em linguística alguns conceitos aperfeiçoados por Genette para o campo da literatura, como a oposição entre o autor e o narrador, de Genette, que corresponde à oposição entre o sujeito falante e o locutor, de Ducrot. Outra relação seria a oposição entre quem fala e quem vê, de Genette, tendo como correspondente na linguística de Ducrot a oposição entre o locutor, que está do lado de quem fala, e o enunciador, que está do lado de quem vê. Nesse sentido, é interessante destacar como o próprio Ducrot admite ter sido influenciado por teóricos e conceitos alheios à linguística.

O quinto capítulo, *Questões pessoais*, traz diversos tópicos sobre os quais Ducrot disserta de maneira muito intimista. Comenta sobre sua afinidade com a literatura clássica do século XVII, citando autores como Molière, Racine e Corneille, e com a arte medieval e romana. O ponto alto do capítulo, no entanto, parece-nos ser a apresentação de sua visão política. Ducrot diz nunca ter se comprometido de maneira direta com a política, contudo tem crenças favoráveis a tudo que é contra o Estado e contra tudo que é a favor do Estado. Nesse sentido, aproxima-se de um anarquismo não militante, porque ele não se envolve diretamente com a política. São, dessa forma, sentimentos anarquistas sobre a visão política do Estado. O que mais nos chama a atenção é a relação que Ducrot faz dessa sua perspectiva política com o trabalho que desenvolveu ao longo da carreira. Para ele, essa visão anarquista também pode ser vista na linguística que pratica. Sua linguística é anárquica porque se recusa a ver no sentido representações da realidade. Portanto, notamos uma coerência nas crenças tanto do linguista quanto do cidadão. Ducrot tem posições duras, contundentes, controversas para alguns e esclarecedoras para outros.

Por fim, o sexto e último capítulo, *Para se despedir*, apresenta um breve fechamento nas palavras de Ducrot. Segundo ele, a grande contribuição da linguística para a humanidade é ensinar a poder desconfiar da linguagem. Contudo, Ducrot vê o papel do linguista reduzido na sociedade atual, comentando que uma saída poderia ser tomar uma função mais atuante no campo da comunicação, como na área publicitária. Ele ainda deixa um conselho: vivemos uma era na qual está mais fácil dizer do que fazer. Portanto, é imprescindível procurar o uso efetivo que é feito da linguagem e, a partir disso, teorizar esses usos da linguagem.

A obra *Os riscos do discurso: encontros com Oswald Ducrot*, embora curta, apresenta-se de maneira muito dinâmica. Aborda uma vasta complexidade de temas e assuntos, colocando Ducrot em evidência, de modo semelhante ao que o linguista comumente faz com a

língua. Somos apresentados a um Ducrot mais conciso, mais direto, que disserta brevemente sobre uma vasta sucessão de tópicos. Como vimos, mantém sua coerência de sujeito questionador, com posições firmes e, como ele próprio comenta, anárquicas. É sempre interessante quando as mentes por trás das criações comentam seus próprios trabalhos. Isto não é diferente com essa obra em questão. O caráter crítico, característico dos estudos de Ducrot, também é aplicado aos seus próprios conceitos e teorias.

Nesse sentido, destaca-se especialmente a terceira parte, *Contribuição de Oswald Ducrot*, na qual temos a oportunidade de acompanhar as opiniões do próprio autor sobre suas teorias e visões conceituais. De certo modo, esse capítulo pode contribuir como uma espécie de introdução às ideias de Ducrot, pois sintetiza algumas de suas principais colaborações. Isso se torna relevante exatamente porque boa parte de sua obra não é encontrada em língua portuguesa. Esse fato valoriza ainda mais a edição sobre a qual dissertamos aqui, cuja tradução é de Leci Borges Barbisan e Lauro Gomes, colaborando de maneira decisiva para a circulação das obras do linguista. Portanto, *Os riscos do discurso* é um livro fundamental para uma compreensão não apenas sobre o homem Oswald Ducrot, mas principalmente acerca das perspectivas científicas, em especial das linguísticas. Sua leitura é recomendada a todos que estejam se inserindo no universo das teorias linguísticas e que desejam compreender a gênese da teoria de Ducrot e as suas relações com os demais autores do universo das ciências humanas de um modo geral.

## Referências

DUCROT, Oswald. Prefácio. In: VOGT, Carlos. **O intervalo semântico**. 2<sup>a</sup> ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009, p. 9-20.